

Povos Indígenas no BrasilFonte: Folha do AcreClass.: 132Data: 14.10.83Pg.: 04

Polícia aterroriza apurinãs do km 45

O índio Apurinã, Serapião, residente no quilômetro 45 da estrada de Boca do Acre, chegou ontem a Rio Branco, tendo revelado que a intervenção da Polícia Militar do Amazonas, na área disputada por colonos e índios, foi muito mais séria do que o noticiado pela imprensa.

De acordo com Serapião, os policiais eram em número de 15 e estavam armados de fuzis, espingardas e revólveres. Acompanhados por um fazendeiro de nome Martins, que segundo disse é proprietário de um hotel em Boca do Acre, além de possuir terras no quilômetro 19 da BR-317, os policiais não só incendiaram três residências de Apurinã que vivem às margens do Rio Acre, dentro da área contestada, como também destruíram pontes e derubaram diversas árvores para obstruir o varadouro que dá acesso à aldeia indígena.

Sem condições de reagir, os índios tiveram pouco tempo para retirar seus pertences pessoais de dentro das residências pois os policiais jogaram gasolina na cobertura de palha e atearam fogo em seguida.

Depois que os policiais militares do Amazonas abandonaram Boca do Acre, um delegado e três agentes da Polícia Federal, acompanhados de dois funcionários da Agência da FUNAI no Acre, também estiveram na área indígena, tendo estes afirmado que os índios poderiam circular pela área contestada, mas que lá não poderiam permanecer por longo tempo, enquanto a pendência não for resolvida.

A questão envolvendo as terras do Seringal Aripuanã arrasta-se já há vários anos e a própria Funai tem tomado posições contraditórias em diferentes oportunidades.

Assim, por exemplo, em julho último, um funcionário da Funai lotado em Porto Velho, esteve com os Apurinã, ocasião em que declarou que aquelas terras pertenciam aos índios, conforme fora reconhecido pela Portaria 1414

E-82, de agosto do ano passado, assinada pelo presidente do órgão, Paulo Leal.

Pouco tempo depois, o Diretor do Departamento de Patrimônio Indígena, Ubirajara, também veio ao Acre e visitou a área indígena, quando afirmou que a terra não mais seria entregue aos índios, permanecendo em mãos dos colonos.

Para justificar essa decisão, o diretor da Funai alegou que a modificação numa área já demarcada poderia ser um mal exemplo para as demais comunidades indígenas do Estado, as quais poderiam vir a fazer reivindicações semelhantes, com base no precedente aberto dentro das terras Apurinã.

Desde então os 8.650 hectares do Seringal Aripuanã estão sendo a causa do forte clima de tensão que reina em Boca do Acre. A própria Funai, através de seus funcionários do Acre, de acordo com Serapião, teria afirmado aos índios que o órgão não poderia lhes dar qualquer proteção, caso eles continuassem habitando dentro das terras contestadas.

Depois que vários colonos venderam suas posses ao fazendeiro Martins, a tensão se agravou, pois conforme revelou Serapião, até mesmo uma placa foi afixada defronte à aldeia dos Apurinã, na entrada do varadouro que dá acesso ao Rio Acre, afirmando que naquele local é proibida a entrada de índios.

A opinião dos índios é que o fazendeiro está agindo de má-fé, pois está adquirindo terras que há anos estão em litígio. Como se recorda o problema começou quando, em meados da década de 70, o grileiro João Sorbile, conhecido por "Cabeça Branca", vendeu as terras dos índios a um grande número de colonos paranaenses. Desde então não cessaram as disputas e hostilidades entre índios e colonos, agravadas agora pela ação do fazendeiro.